

LINGUAGEM, MÍDIA E MEMÓRIA: UMA BREVE ANÁLISE DISCURSIVA DAS NOTÍCIAS JORNALÍSTICAS ENVOLVENDO O EX-PRESIDENTE PARAGUAIO FERNANDO LUGO

Marcos Galdino*; Thiago Benitez Mello**; Taiza Fernanda Ramalhais***; Maura Sandra da Silva do Nascimento****; Jéssica Gaspar da Costa*****.

* Pós-doutorado em Teologia, e-mail: marcos_galdino@hotmail.com

** Doutor em Sociedade, Cultura e Fronteiras, e-mail: thiago_benitez@hotmail.com

*** Doutora em Psicologia, e-mail: ramalhaistf@gmail.com

**** Mestra em Ensino, e-mail: maura.nascimento@descomplica.com.br

***** Especialista em Neuropsicologia, e-mail: jessica.gaspar@descomplica.com.br

INFORMAÇÕES

Histórico de submissão:

Recebido em: 10 ago. 2024

Aceite: 14 ago. 2024

Publicação online: ago. 2024

RESUMO

Conjuntamente com as noções de língua e linguagem, acrescenta-se a noção de discurso, como um objeto específico, de difícil apreensão, cuja natureza constitutiva traz contradições que funcionam como regularidades. Quando se fala em discurso, é preciso ressaltar que ele não é a língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real. O discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguísticas. Nesta perspectiva, o presente artigo tem como objetivo central analisar, sob o viés da Análise do Discurso de linha francesa (doravante ADF), notícias de jornais onlines em relação à polêmica de pedofilia envolvendo o ex-presidente paraguaio Fernando Lugo, em abril de 2009, e à sua destituição ocorrida no dia 22 de junho de 2012, buscando verificar e revelar, por meio de tal análise, a condição fluida dos discursos, mostrando sua natureza flexível e móvel. Para tanto, além da explanação de alguns conceitos teóricos básicos da ADF, como interdiscurso, memória e formação discursiva, arrolaremos reflexões específicas sobre as noções de língua(gem) e discurso, uma vez que, para a ADF, não se focaliza o indivíduo falante, compreendido como um sujeito empírico; importa o sujeito inserido em uma conjuntura social, tomado em um lugar social, histórico e ideologicamente marcado.

Palavras-chave: Análise do discurso; Mídia; Fernando Lugo

ABSTRACT / RESUMEN

In conjunction with the notions of language, adds the notion of speech as a specific object, difficult to grasp, whose constitutive nature brings contradictions that work like regularities. When we talk in speech, we must emphasize that it is not the language in itself, but it needs to have material existence and/or real. The speech implies an externality to the tongue, is social in nature and involves issues not strictly linguistic. In this perspective, this article aims to analyze central, under the bias of Discourse Analysis of French Line, newspaper reports online regarding pedophilia controversy involving former Paraguayan President Fernando Lugo in April 2009 and their removal occurred on June 22, 2012, seeking to verify and prove, through this analysis, the condition of the fluid discourses, showing its nature flexible and mobile. Therefore, besides the explanation of some basic theoretical concepts of Discourse Analysis, as interdiscourse, memory and discursive formation, we discuss specific reflections on the notions of language and speech, since, for the Discourse Analysis, do not focus on the individual speaker, understood as an empirical subject, the subject matter inserted in a social situation, taking place in a social, historical and ideologically marked.

Keywords: Discourse analysis; Media; Fernando Lugo

Copyright © 2024, Marcos Galdino; Thiago Benitez Mello; Taiza Fernanda Ramalhais; Maura Sandra do Nascimento; Jéssica Gaspar da Costa. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citação: GALDINO, Marcos; MELLO, Thiago Benitez; RAMALHAIS, Taiza Fernanda; NASCIMENTO, Maura Sandra da Silva do; COSTA, Jéssica Gaspar da. Linguagem, mídia e memória: uma breve análise discursiva das notícias jornalísticas envolvendo o ex-presidente paraguaio Fernando Lugo. *Iguazu Science*, São Miguel do Iguazu, v. 2, n. 4, p. 36-42, ago. 2024.

INTRODUÇÃO

A linguagem não é apenas um sistema de regras formais e estruturais capaz de manter a relação e comunicação entre os sujeitos. Ela é, sobretudo, uma prática, uma ação, um fazer discursivo, segundo Fairclough (1995), que faz a mediação entre o texto e a ação sociocultural. Isso porque ela faz parte do simbólico, com a divisão política dos sentidos, visto que o sentido é movente e instável. O objeto de apreciação de estudo da linguagem, neste viés, deixa de ser a frase, e passa a ser o discurso materializado na língua, uma vez que se distancia da análise de palavra por palavra na interpretação como uma sequência fechada e acabada.

Dado isso, o objetivo central deste texto é analisar, sob a ótica da Análise do Discurso de linha francesa (doravante ADF), notícias de jornais online em relação à polêmica de pedofilia envolvendo o ex-presidente paraguaio Fernando Lugo, em abril de 2009, e à sua destituição ocorrida no dia 22 de junho de 2012. Busca-se verificar e revelar, por meio de tal análise, a condição fluida dos discursos, como são flexíveis e móveis, se deslocam em função de embates ideológicos, históricos e políticos. Com a análise em questão, serão apontados os diferentes discursos materializados nesses textos além do entrecruzamento dos aspectos sociais, histórico e ideológicos na linguagem.

Para efetuar a análise e (re)afirmar a fluidez e deslocamentos de discursos, serão trazidos conceitos teóricos que darão suporte para a discussão a ser realizada e o pleito a ser assumido: noções de língua(gem) e discurso, concepção de interdiscurso, memória discursiva e formação discursiva. Tais conceitos se estabelecem como primordiais para os estudos da Análise do Discurso de linha francesa e tornam-se necessários para a compreensão de discurso enquanto objeto de estudo. Para tanto, serão desenvolvidas reflexões específicas sobre a noção de discurso, uma vez que, para a ADF, não se focaliza o indivíduo falante, compreendido como um sujeito empírico, senão que o sujeito inserido em uma conjuntura social, tomado em um lugar social, histórico e ideologicamente marcado. Isso porque, para falar de discurso, é necessário romper com uma visão estritamente linguística, focalizando as inter-relações da linguagem com a História e com a Psicanálise, como muito bem coloca Fernandes (2008).

Como o “corpus” da análise é constituído por apenas alguns textos selecionados, retirados de notícias da internet, não é possível esgotar o que aqui

está sendo proposto, devendo, o presente artigo, ser visto como uma incitação para que novos trabalhos a respeito do tema sejam fomentados.

METODOLOGIA

Metodologicamente, a abordagem será centrada na análise da linguagem e do discurso, com ênfase em suas dimensões sociais e ideológicas. A pesquisa adotará uma perspectiva qualitativa e bibliográfica, utilizando conceitos teóricos de importantes autores da área para fundamentar a análise.

O conceito de linguagem, entendido como uma mediação entre o homem e a realidade, é central para este estudo. De acordo com Berger (1985), a linguagem não apenas descreve o mundo real e subjetivo, mas também o materializa. Assim, a linguagem desempenha um papel crucial no processo de socialização cultural, permitindo a exteriorização do ser no mundo social e a interiorização deste mundo como realidade objetiva.

Bakhtin (2004) contribui para a compreensão do fenômeno ao argumentar que a língua é uma forma de interação social e não um ato individual. Para Bakhtin, o estudo da língua deve começar com a análise do contexto social em que os discursos se manifestam, visto que a língua é inseparável de seu conteúdo ideológico e relativo à vida. Este ponto de vista é corroborado por Weedon (1987), que vê a linguagem como um campo de luta política, onde os discursos concorrentes refletem e influenciam a organização do poder social.

A análise será fundamentada também nas contribuições de Bourdieu (1997), que sustenta que o valor de uma língua está intrinsecamente ligado ao valor dos indivíduos que a utilizam. Segundo Bourdieu, a fala e os discursos são moldados e valorizados pelas interações sociais e pelo status dos interlocutores. Revuz (1998) complementa essa perspectiva ao argumentar que a prática da linguagem envolve a maneira como os sujeitos se relacionam com o mundo e com os outros por meio dos discursos.

A abordagem metodológica adotada inclui uma visão de linguagem em movimento, como sugerido por Blommaert (2010). A linguagem e os discursos são vistos como dinâmicos e em constante transformação, refletindo mudanças históricas e sociais. O discurso é entendido como uma prática social que vai além do simples uso da língua e envolve aspectos sociais e ideológicos, conforme Fernandes (2008). Esta abordagem permite uma análise profunda das práticas discursivas e suas implicações sociais e ideológicas.

Finalmente, a metodologia deste estudo se alinha com a proposta de Fairclough (1992), que vê a

linguagem como uma ação social e o discurso como uma forma de representação e interação com a sociedade. O objetivo é examinar como a linguagem e o discurso não são fixos, mas estão sujeitos a transformações que acompanham as mudanças sociais e políticas. A análise será guiada pela compreensão de que tanto a língua quanto o discurso são processos dinâmicos e complexos que refletem e moldam a realidade social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Interdiscurso, Memória e Formação Discursiva

Para falar uma coisa pode-se falar outra. No entanto, só é possível comprovar aquilo que a língua nos oferece, pois, como já afirmava Ludwig Wittgenstein, “os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo”. Dessa forma, nunca será possível falar tudo; tudo nunca pode ser dito. Só se pode dizer algo na perspectiva e no âmbito do dizível, isto é, nossos dizeres são rodeados de “já ditos”, não sabidos, apagados.

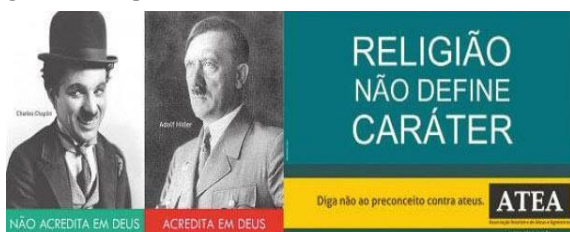
Assim, podemos atestar que todos os dizeres apresentam, em seu interior, a presença de diferentes discursos, o que denominamos de *interdiscurso*. Trata-se de “uma interdiscursividade caracterizada pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais” (FERNANDES, 2008, p. 39). O interdiscurso é “todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2009, p.33).

Como afirma Orlandi (2009), “todo dizer, na realidade se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação)” (p. 33). O interdiscurso seria, em suma, a presença de diferentes discursos, advindos de distintos momentos históricos, entrelaçados no interior de uma formação discursiva (conceito que será discutido a seguir).

Relacionado à memória, o interdiscurso permite que os dizeres que já foram ditos tenham sentido em nossas palavras, pois o sujeito nunca é a origem de seu dizer. Além disso, o discurso ganha sentido quando se relaciona com outros discursos numa relação de confronto.

Para exemplificarmos a ideia de interdiscurso observemos a imagem abaixo:

Figura 1. Chaplin e Hitler



Fonte: <https://www.adsoftheworld.com/campaigns/hitler-vs-chaplin> (2013)

Observando a figura, percebemos que ela busca passar, ideologicamente, uma ideia de que ateísmo não é sinônimo de maldade ou perversidade e que a religião não pode servir de critério para julgamentos de personalidade, no caso o caráter. Além disso, existe uma retomada histórica na campanha, um saber discursivo que fomos constituindo ao decorrer do tempo e foi produzindo dizeres, um interdiscurso: a retomada da campanha a personalidades históricas importantes (Charles Chaplin e Adolf Hitler) e à representação corrente, e já impregnada, que o senso comum tem sobre o que é ser ateu: significa não acreditar em Deus e, conseqüentemente, negar alguns princípios religiosos como bondade, honestidade e amabilidade, em outras palavras, ser perverso.

Essa retomada à história nos remete ao conceito de *memória discursiva*. O que vale frisar aqui, é que essa noção não se refere a lembranças que temos do passado, a recordações que um indivíduo tem do que já passou. Como atesta Pêcheux (1999) “a estruturação do discurso vai constituir a materialidade de uma certa memória social” (p. 11). Segundo Fernandes (2008):

Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. É uma memória coletiva, até mesmo porque a existência de diferentes tipos de discursos implica a existência de diferentes grupos sociais, sem, contudo, implicar equivalência (p. 45).

Segundo Maingueneau (2005, p.15) discurso é “uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”. Desse modo, o discurso não opera sobre a realidade das coisas, mas sobre outros discursos e todo enunciado de um discurso se constitui na relação polêmica com outro. O sujeito, neste sentido, é um “espaço” formado por discursos e a língua um processo semântico e histórico.

Já em termos de interdiscursividade, o que devemos observar na campanha é o posicionamento ateísta pela tentativa de um reposicionamento identitário, isto é, uma necessidade de firmação de identidade. Criticar o discurso cristão, religioso em si, significa, ao mesmo tempo, a ele ter que retornar e dele ter que se afastar para resguardar a própria identidade, pois o discurso ateísta não se constitui sem se deixar, de algum modo, por ele se afetar.

Courtine (1981) nos assevera que o interdiscurso é o lugar no qual se constituem, para um sujeito falante que produz uma sequência discursiva dominada por

uma *formação discursiva* (FD) determinada, os objetos de que esse sujeito enunciativo se apropria para fazer deles objetos de seu discurso, bem como as articulações entre esses objetos, pelos quais o sujeito enunciativo vai dar uma coerência a seu propósito.

Essa FD colocada pelo autor é definida por Foucault (1997) como um conjunto de enunciados em que ocorre certa regularidade, é convencionalizado. Dentro desses discursos, existem regras históricas, que são condições para que dadas formações existam ou desapareçam. Para Serrani-Infante (1998) as FD “são as que determinam o que pode (ou deve) ser dito, segundo diferentes posições em uma dada conjuntura socio-histórica” (p. 130).

Nesta perspectiva, podemos afirmar que uma formação discursiva não é composta de um limite demarcado de maneira fixa, isto é, ela se posiciona dentro de outras formações e seu limite desloca-se conforme cada momento e situação. Como bem aponta Mussalim (2001): “como uma formação discursiva é um dos componentes de uma formação ideológica específica, o limite que define uma formação discursiva é instável, pois ela se inscreve em um espaço de embates, de lutas ideológicas” (p. 125). Logo, o discurso está longe de ser produto de um sujeito em particular, pois traz consigo a ideologia da formação discursiva que o originou.

Para Fernandes (2008), uma FD

[...] refere-se ao que pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas; trata-se da possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica (p. 48).

Dessa forma, o *sentido* (o qual tomamos aqui como o efeito de sentido entre sujeitos em enunciação, negando a ideia de mensagem encerrada em si e contestando a imanência do significado) não é todo e qualquer um e nem depende do autor ou do leitor, já que a FD é a delimitação do que pode e deve ser dito e é ela que delimita e permite a constituição de processos discursivos. O sentido, assim, “se entretence na relação do texto com as suas condições de

produção: o texto como discurso” (CATTELAN, 2011, p. 157). Portanto, o efeito de sentido é de caráter material, concreto e empiricamente demonstrável. Os sentidos são produzidos em decorrência da ideologia dos sujeitos em questão, face aos lugares ocupados por estes sujeitos em interlocução.

2. Exercício de Análise

Passemos agora para as análises fundamentadas nos conceitos propostos acima. Tomaremos como objeto de análise e reflexões notícias de jornais *online* em relação à polêmica de pedofilia envolvendo o ex-presidente paraguaio Fernando Lugo, em abril de 2009, e à sua destituição ocorrida no dia 22 de junho de 2012.

Para Mussalim (2001), a AD considera como parte constitutiva do sentido o contexto histórico-social, assim sendo, faz-se necessário situar historicamente as notícias divulgadas sobre o presidente paraguaio nesses dois momentos de sua vida (polêmica de pedofilia em 2009 e destituição presidencial em 2012).

Quando Fernando Lugo assumiu a presidência do Paraguai, em 2009, jornais e revistas de todo o mundo consideraram “diferente” e “ousado” um ex-bispo se candidatar à presidência, um ex-representante da Igreja Católica envolver-se no campo político.

No entanto, em abril de 2009, quando Lugo já havia ganhado as eleições e já atuava como presidente, surgiram relatos sobre um possível filho não reconhecido do ex-presidente. Ele admitiu, então, ter tido relações sexuais com a estudante Viviana Carrillo quando ainda era bispo e disse, para tomar todas as responsabilidades pelas suas ações, assumir a paternidade da criança. Um jornal *online*, na época, publicou a seguinte matéria:

Lugo chocou o país na semana passada quando, pressionado por uma reivindicação judicial, admitiu ser pai de um menino de 2 anos, **fruto de uma relação com uma jovem quando ainda era sacerdote.** “Lugo quebrou seu compromisso eclesial, por um lado, e seu compromisso com o povo, por outro”, afirmou o legislador José López Chávez, num dos vários ataques a Lugo proferidos durante a sessão na Câmara dos Deputados¹.

Percebemos que a atitude do presidente foi totalmente reprovada por boa parte da população

¹ Disponível em:

<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1091753-5602,00.html>. Acesso em: 12/09/2013.

paraguaia na época. O discurso retumbado “Fruto de uma relação com uma jovem quando ainda era sacerdote” não faz parte, de maneira alguma, de uma formação discursiva dita religiosa, pois quebra com o compromisso eclesial que o presidente, supostamente, tinha ou deveria ter com a Igreja.

Assim também como não cabe a ação do presidente em uma formação discursiva de cunho político, pois quebraria “seu compromisso com o povo”, negaria seu papel de “cidadão exemplo de paraguaio”, ou seja, não é “normal”, aos moldes de aceitável socialmente (FOUCAULT, 1997), se nos remetemos a uma memória discursiva de uma determinada sociedade, que um bispo tenha relações sexuais, muito menos com uma adolescente. Percebemos, assim, que o acontecimento em questão é muito mais de caráter histórico e religioso do que político.

O pano de fundo se dá, especificamente, no entorno político, mas as causas e consequências acontecem porque uma memória discursiva é ativada e atravessa diversas vozes, isto é, há, no fragmento acima, o entrecruzamento de diferentes formações discursivas constitutivas do sujeito e reveladoras de dada realidade social que tem lugar na história do Paraguai e na constituição de sua nação.

Um blog postou, na mesma época, a seguinte notícia:

Quando irrompeu o escândalo e os paraguaios se deram conta de que seu presidente esteve em uma relação pedófila com uma adolescente quando bispo, e que tinha se tornado pai de uma criança durante sua campanha para presidente, **a temperatura política subiu em torno de Lugo**².

O que nos interessa frisar, aqui, é que o ex-presidente paraguaio, assim como todos os indivíduos, é um sujeito sócio-ideologicamente constituído, para a ADF, além de historicamente situado. Isso quer dizer que somos sujeitos discursivos, constituídos na inter-relação social, não somos o centro de nossos dizeres. Em nossas vozes, um conjunto de outras vozes, heterogêneas, se manifesta. Por isso que, para a ADF, “o sujeito é polifônico e é constituído por uma heterogeneidade de discursos” (FERNANDES, 2008, p. 21). Bakhtin (1997) afirma que cada sujeito é um sujeito híbrido, uma arena de conflito e confrontação de vários discursos que o constituem. O sentido não

está “lá” no texto, mas é constituído a partir dele, considerando o produtor e o “outro”.

Como já colocamos, uma formação discursiva não é composta de um limite demarcado de maneira fixa. “Uma FD se inscreve entre diversas formações discursivas, e a fronteira entre elas se desloca em função dos embates da luta ideológica, sendo esses embates recuperáveis no interior mesmo de cada um das FDs em relação” (MUSSALIM, 2001, p.125).

Podemos revelar e testificar isso com algumas notícias divulgadas em junho de 2012 a respeito do impeachment do ex-presidente Fernando Lugo:

Para nós, o que aconteceu foi um golpe de Estado dado pelos donos do Paraguai, pois houve pouco tempo para Fernando Lugo se defender. **Nós aceitamos Lugo no poder e para nós ele continua sendo o presidente, o único presidente do Paraguai.**

Os paraguaios residentes no exterior apoiam a decisão de Lugo de não aceitar sua deposição de um cargo para o qual foi escolhido em eleições livres e democráticas. Diante disso, asseguram que não vão esquecer o que aconteceu e **pretendem**, de seus países de residência, **organizar manifestações pacíficas** para mostrar o descontentamento com a violação da democracia no Paraguai³.

Percebemos, nesses fragmentos, as mudanças de escolhas lexicais, o que comprova a instabilidade, nos discursos, a flexibilidade de uma formação discursiva. Se considerarmos as condições de produção dos enunciados acima, nos deparamos com um contexto imediato, um contexto sócio-histórico, ideológico (ORLANDI, 2009).

Exemplificamos: o contexto imediato, no enunciado acima, é o Paraguai, os paraguaios, o caso do Golpe de Estado paraguaio e o fato dos enunciados retratarem um “apoio” ao ex-presidente. O contexto amplo, o qual carrega efeitos que constituem determinada sociedade, é, neste caso, a forma como o Estado Paraguai decide as deposições políticas, qual a importância dada à voz da população nacional. E, por fim, a história que afeta as posições ideológicas dos sujeitos: o ex-presidente não foi aceito em um primeiro momento, mas graças ao seu esforço político (ou qualquer outro motivo que tenha levado os

² Disponível em: <http://www.sacralidade.com/igreja2008/0177.harem.html>. Acesso em 12/09/2013.

³ Disponível em: <http://correiodobrasil.com.br/paraguaios-residentes-no-externo-repudiam-deposicao-de-fernando-lugo/476562>. Acesso em: 12/09/2013.

paraguaios a apoiá-lo) conseguiu o apoio e confiança do povo, conquistando a maioria da população paraguaia.

No entanto, algumas formações discursivas insistem em estagnar-se, exatamente pelo fato de que existe um “já-dito” que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, o qual se torna fundamental para a compreensão do funcionamento do discurso. Sendo assim, percebemos, com os enunciados abaixo, que uma formação discursiva de caráter religioso, dita anteriormente no caso de pedofilia do ex-presidente paraguaio Fernando Lugo, permanece rígida, inflexível, pois há uma memória discursiva, já construída sócio-ideologicamente, que não permite o apagamento imediato de determinado acontecimento:

“O Paraguai viveu momentos muito delicados. Mas, neste momento, **temos de continuar a dar, cada um, o melhor**. Há a **necessidade de dar força e continuidade** no caminho da justiça e da paz”, disse o arcebispo, que se reuniu hoje com Franco por cerca de meia hora, no palácio do governo.

Franco é católico praticante e costuma ir à missa todo domingo de manhã. No primeiro dia como presidente empossado, ele agendou a reunião com o arcebispo no começo da manhã⁴.

Com a destituição de Lugo em junho de 2012, o vice-presidente Federico Franco tomou posse da presidência paraguaia em uma sessão conjunta do Congresso. O interessante é que a Igreja Católica, como percebemos nos enunciados, apoiou a tomada de posse do presidente Franco. Não se torna difícil de saber o motivo: “Franco é católico praticante e costuma ir à missa todo domingo de manhã”, como aparece na notícia. Além disso, a Igreja prefere um presidente que não tenha um antecedente com má reputação ou que tenha se envolvido em casos polêmicos, como foi o caso de pedofilia envolvendo Fernando Lugo. Logo, o discurso da Igreja nos remete a uma conformidade, a um consolo: “temos de continuar a dar, cada um, o melhor”.

Conseguimos, dessa maneira, perceber como uma formação discursiva se aloca dentro de outras formações discursivas e como o seu limite não é fixo ou estável, ao contrário, é fluido, heterogêneo e instável.

Um discurso de aceitação, confiança e positividade pode tornar-se de desaprovação, desconfiança e negatividade. Isso porque “o contexto histórico-social, então, o contexto de enunciação, constitui parte do sentido do discurso e não apenas um apêndice que pode ou não ser considerado. Em outras palavras, pode-se dizer que, para ADF, os sentidos são historicamente construídos” (MUSSALIM, 2001 p.123) e, conseqüentemente, estão constantemente se modificando e se adaptando à história e à cultura dos sujeitos.

CONCLUSÕES

Foi possível notar que os discursos formados e trazidos para este estudo fazem parte de diferentes narrativas, social, cultural e historicamente construídas, que nos permite perguntar: de que maneira esses discursos são entendidos em momentos históricos específicos? Como um discurso aparece e outro não, isto é, o que faz um discurso aparecer e tantos outros serem omitidos? Percebe-se, nesse caso, a forma de dizer e a presença do não dito fazendo sentido nas entrelinhas do que é dito.

É notória a invisibilidade de alguns dizeres, mas que, de uma forma ou outra, compõem um discurso. Isso porque, por meio das formações discursivas explicitamente marcadas nos textos, pela história, podemos encontrar outras, materializadas somente nas entrelinhas do que é dito, nas sombras das palavras manifestadas. O que importa reiterar é que um enunciado dialoga com outros enunciados, com outros discursos que têm lugar na história.

No campo da linguagem, tornou-se impossível considerarmos paradigmas que tomam a linguagem como meramente um “mecanismo de comunicação” estático, internalista, objetivo e “determinador das regras da língua” respaldaram as pesquisas de análises discursivas. Não que tais teorizações sobre a linguagem não existam mais, no entanto, como afirma Moita Lopes (2022), a compreensão da linguagem através das lentes do imobilismo tornou-se insuficiente para explicar os novos sistemas e formas de comunicação, visto que ela é “definida pelo modo como é localizada e realocada pelas pessoas em suas performances cotidianas, [...], um ponto de vista externalista, explicado por um fazer performativo dos sentidos” (MOITA LOPES, 2022, p. 32).

Desse modo, vale ressaltar que “todo e qualquer corpus tomado para análise apresenta-se como um universo discursivo marcado por instabilidade, que

4

Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas->

em:

noticias/2012/06/23/igreja-catolica-no-paraguai-apoia-novo-presidente-e-pede-justica-e-paz-no-pais.htm. Acesso em: 12/09/2013.

explicita as movências e a inquietude dos sujeitos” (FERNANDES, 2008, p. 61). Assim, reafirmamos a fluidez e flexibilidades dos discursos, sua necessidade de acompanhar as transformações históricas, políticas e sociais, mas todas ligadas sempre ao campo ideológico, já que Ideologia é inerente ao discurso, não apenas imprescindível.

Diante do objeto discursivo tomado para análise (as notícias envolvendo o ex-presidente paraguaio Fernando Lugo), pudemos ver que é necessário sairmos da materialidade linguística para compreender os discursos em sua exterioridade, no social, espaço-tempo no qual o linguístico, o cultural, o histórico e o ideológico coexistem em uma relação de implicância. Eis a instauração de um campo de conflitos, marcado por oposições ideológicas, no qual diferenças sociais coexistem simultaneamente. Os discursos têm existência na exterioridade do linguístico, no social, são marcados sócio-histórico-ideologicamente.

Quando recorremos a um dicionário, o fazemos para verificar o significado de uma palavra, pois o significado já está posto ali, é imanente; porém, em se tratando de analisar de modo crítico e ideológico um discurso, nega-se a imanência ontológica do significado, uma vez que interessam, para as análises mais aprofundadas, os sentidos produzidos em decorrência da inscrição socioideológica e histórica dos sujeitos envolvidos.

Atestamos assim, a necessidade de se considerar a opacidade da linguagem, a sua não transparência, isto implica revelar que na relação do sujeito com a língua e com a história, “por trás das palavras ditas, o não-dito produz sentidos que não podem ser controlados e que não se encerram em si” (FERNANDES, 2008, p. 83). O não-dito, muitas vezes, acaba sendo um referencial mais relevante de análise, na concepção da corrente de análise discursiva francesa, do que o escancarado, pois, torna-se extremamente importante a reflexão do porquê que aquilo que não foi acabou não sendo dito.

Portanto, deve-se sempre considerar que os sujeitos sociais, que acaba, por ser protagonistas da história, e seus discursos são sínteses de múltiplas determinações, e estas necessitam ser investigadas no contexto em que são produzidas de modo dialético não somente para que se possam compreender os fenômenos, mas para que de modo prático se possa modificá-los. Entender o funcionamento do discurso pode nos dizer algo do não visível em falas individuais atravessadas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BERGER, P. L.; LUKMANN, T. **A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. Traduzido por Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Linguísticas**. São Paulo: Edusp, 1997.
- CATTELAN, J. C. **Que eu fico de olho**. In: **As Línguas em Diálogo: Perspectivas e Desafios na Atualidade**. Anais da 14ª Jornada Nacional de Estudos Linguísticos e Literários. Maringá: Sthampa, 2011.
- COURTINE, J. J. **Analyse du discours politique: le discours communiste adressé aux chrétiens**. Paris: Didier-Larousse, 1981.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- MUSSALIM, F. **Análise do Discurso**. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.
- ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos**. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- PÊUCHEUX, M. **O Papel da Memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- REVUZ, C. **A Língua Estrangeira Entre o Desejo de um Outro Lugar e o Risco do Exílio**. In: SIGNORINI, I. (org.). **Língua(gem) e Identidade: Elementos para uma Discussão no Campo Aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.
- SERRANI-INFANTE, S. **Abordagem Transdisciplinar na Enunciação em Segunda Língua: A Proposta AREDA**. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.
- WEEDON, C. **Feminist Practice and Poststructuralist Theory**. Oxford: Blackwell, 1987.